

ANTÔNIO GRAMSCI e JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI e o FASCISMO

ANTÔNIO GRAMSCI and JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI and FASCISM

John Kennedy Ferreira¹

Resumo

Antônio Gramsci e José Carlos Mariategui. Poderam acompanhar a grande mobilização social que aconteceu na Europa e particularmente na Itália no fim da Grande Guerra e uma ascensão do fascismo e a sua chegada ao poder. Ambos buscam compreender esse fenômeno político social através de fatores diferenciados, por meio de ações que foram da preparação teórica a política. Gramsci na condição de dirigente político do PCI e da Terceira Internacional, Mariategui, na condição de exilado político e correspondente de jornais peruanos. Ambos, criam formulações e conceituações parecidas, cabendo, portanto, a análise dessa simetria.

Palavras-chave: Facismo, Gramsci, Mariátegui

Abstract

Antônio Gramsci and José Carlos Mariategui. They could follow the great social mobilization that took place in Europe and particularly in Italy at the end of the Great War and the rise of fascism and its coming to power. Both seek to understand this social political phenomenon through different factors, through actions that ranged from theoretical to political preparation. Gramsci as political leader of the PCI and the Third International, Mariategui as political exile and Peruvian newspaper correspondent. Both create similar formulations and conceptualizations; therefore, it is necessary to analyze this symmetry.

Keywords: Facismo, Gramsci, Mariátegui

¹ Bacharel pela Fundação Escola de Sociologia e Política, mestre em Ciência Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC. Doutor em História Econômica, pela Universidade de São Paulo - FFLCh - USP. Atua como professor de Sociologia e de Ciência Política. Desde novembro de 2016 é professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

INTRODUÇÃO

Queremos glorificar a guerra – a única higiene do mundo –, o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarquistas, as belas ideias pelas quais se morre, e o desprezo pela mulher. Queremos demolir os museus, as bibliotecas, combater o moralismo, o feminismo e todas as covardias oportunistas e utilitárias.

Filippo T. Marinetti in Manifesto Futurista 1909.

Nos primeiros dois decênios do século XX, o sistema político vigente passou por uma imensa transformação: A ascensão do imperialismo desencadeou uma corrida armamentista que desembocou na I Grande Guerra, tivemos o colapso da democracia liberal nos principais países do mundo, a eclosão da Revolução Russa e o surgimento do proletariado como uma alternativa à ordem social burguesa e, ao mesmo tempo, o crescimento do autoritarismo em quase todos os países do mundo.

A Itália foi um lugar privilegiado para a compreensão desse fenômeno político social. País tardio, desenvolveu seu capitalismo imperialista “esfarrapado”, organizando internamente a espoliação do sul agrário pelo norte industrial. Como nação tardia, sofria imensa desvantagem no concerto das nações, ficando de fora do Botim imperial.

Dessa forma, tinha uma proximidade com a Alemanha, outro país tardio, proximidade esta que vai até as vésperas da Grande Guerra. Neste instante, as paixões entre as classes dominantes se dividiram entre manter a aliança tedesca ou juntar-se aos aliados da Entente Cordiale.

O posicionamento pró-Entente ocorreu após a ruptura de um setor significativo do movimento socialista e trabalhista italiano, que abandonou a denúncia da guerra imperialista e a opção de neutralidade. A Itália entra na guerra com a promessa de ganhos financeiros e territoriais, mas ao fim e ao cabo, sai do conflito como vitoriosa, mas com danos de uma derrotada!

As promessas de ganhos são traídas:

A vitória foi, portanto, um golpe amargo para Itália; depois do armistício chegava à crise econômica, com um aumento da dívida estatal em 500% e uma inflação de 300%, para além dos efeitos econômicos devastadores, consequência das perdas humanas, com mais de 300.000 italianos caídos em combate. Perante este panorama desolador, o Estado era incapaz de satisfazer as expectativas geradas ao calor do debate sobre a intervenção, de aí a sensação de vitória mutilada. A guerra não só não solucionava os problemas da Itália; antes pelo contrário, criava novos problemas, como a destruição de infraestruturas ou a desestabilização da economia, problemas que faziam ainda mais difícil a manutenção do poder por parte da oligarquia italiana e que forçaram logo a seguir a passagem para uma política de massas (CARRASCO/DIEGUES, p 14, 2011).

Dois sentimentos nasceram desse processo: de um lado, os setores capitaneados pelo movimento sindical e pela ala esquerda do Partido Socialista Italiano (PSI), que incentivam lutas por melhorias salariais, reformas agrárias, garantias sociais chegando a construir conselhos operários na cidade de Turin; de outro lado, o sentimento nacionalista que briga pelo reconhecimento da vitória na guerra e toma para si o abandono pelo qual foram tratados os ex-combatentes e as reivindicações territoriais italianas.

A habilidade dos governos liberais italianos desmontou a ação socialista e abriu caminho para o crescimento do sentimento nacionalista extremado, organizados no *Fasci Italiani di Combattimento* de Benito Mussolini.

Antônio Gramsci e José Carlos Mariategui puderam acompanhar essa grande mobilização social que aconteceu na Europa, particularmente na Itália, a ascensão do fascismo e a sua chegada ao poder.

Ambos buscaram compreender esse fenômeno político social através de fatores diferenciados, Gramsci na condição de dirigente político do PCI e da Terceira Internacional, e Mariategui, na condição de exilado político e correspondente de jornais peruanos. Ambos criam formulações e conceituações dialógicas, cabendo, portanto, a análise dessa simetria. Nesse sentido, os escritos de Antônio Gramsci reunidos em *A coragem do povo* (Arditi del Popolo), *A crise italiana*, *Cartas do Cárcere*, *A marcha fascista sobre Roma*, *Discurso ao Parlamento Italiano*, *Itália e Espanha*, *Lições*, *Nem Fascismo, nem Liberalismo: Sovietismo!*, *O fascismo e a sua política - escritos políticos*, *O povo macaco*, *Os Dois Fascismos, Socialistas e Fascistas*; e de José Carlos Mariategui, reunidos em *Cartas da Itália*, em *La Escena Contemporánea*, na *História de La Crisis Mundial* e na coletânea organizada por Luiz B. Pericás, *As Origens do Fascismo* contribuem para a compreensão do fenômeno passado e ajuda na compreensão das formas de governo atuais.

ANTONIO GRAMSCI E O FASCISMO

Gramsci compreenderá o fascismo como uma manifestação histórica, que tem seu lastro no movimento de fundação da Itália (Risorgimento), como país atrasado, tendo a sua construção feita por cima, não incorporando as classes trabalhadoras e o campesinato. O seu desenvolvimento industrial no Norte, hegemônico pela Lombardia e o Piemonte, realizaram uma Revolução Passiva e espoliatória do Mezzogiorno (sul).

Para Gramsci, o fascismo não era um acidente de percurso na história italiana, como assinalou Benedetto Croce, algo que podia ser domesticado pelas instituições liberais, como pensou Giovanni Giolitti e os políticos liberais italianos, também não era apenas uma reação burguesa e da pequena burguesia ao movimento proletário, como assinalou a Terceira Internacional e Amadeo Bordiga. O Fascismo era algo mais profundo e precisava ser investigado em todas as suas essências e manifestações, sendo, portando, uma categoria central na produção de Gramsci.

O seu estudo sobre o fascismo inicia-se nas páginas do *L'Ordine Nuovo*, neste primeiro momento o dirigente do Partido Comunista Italiano (PCI) faz o exame do fascismo, e o vê como um movimento contra-revolucionário (ou revolucionário conservador), prestando muita atenção ao caráter de massas e violento do fascismo.

Entendia como uma resposta à crise do Estado Liberal italiano, uma resposta que também abarcava a alternativa proletária, representada pela Revolução Russa de 1917 e o Biennio Rosso (1919/20), quando os trabalhadores ocuparam as fábricas em Turim e em outras cidades do norte e os camponeses que fizeram grandes mobilizações por terra ao sul.

O fascismo, como movimento de reação armada que se propõem como objetivo desagregar e desorganizar a classe trabalhadora para a imobilizar, entra no quadro da política tradicional das classes dirigentes italianas, e na luta do capitalismo contra a classe operária. (mas também, entendia), não devia ser tão só considerado como um órgão de combate da burguesia, mas antes um movimento social, sendo necessário examinar as estratificações do fascismo mesmo por que, dado ao sistema totalitário que o fascismo tende a instaurar, será no seio mesmo do fascismo que tenderão a ressurgir os conflitos que não podem manifestar-se por outras vias (GRAMSCI, 2002, p 36).

Gramsci observava que não poderia se entender o fascismo como um processo que aconteceu em poucos anos, como algo que foi construído apenas após a guerra, mas como uma essência que se mobilizava como força autoritária e como consciência totalitária. Mostrava que o fascismo de um pequeno movimento confuso se torna um partido com forte expressão junto aos setores médios tenebrosos de sua proletarização. Estes são responsáveis por ações de extrema violência contra os camponeses pobres e o movimento de ocupação de terras, e em seguida contra os movimentos proletários e suas organizações.

Após as eleições fraudadas de 1924, denunciadas pelo Deputado Socialista Giacomo Matteotti, que foi em seguida assassinado pelos fascistas, os liberais e as esquerdas pedem a renúncia de Benito Mussolini, mas graças à fé liberal nas instituições, Mussolini consegue contornar a crise e arrasta em seguida o país a uma ditadura, proibindo as organizações sindicais e partidárias, o que foi aceito pelo Grande Capital e suas organizações políticas.

Gramsci e o PCI, após o Congresso realizado na França, mudam de interpretação. Gramsci passa a observar, como sua preocupação central, que o fascismo foi uma forma de solucionar a crise de hegemonia aberta com a Revolução Russa e o fim da Grande Guerra, isso significa que o fascismo era um movimento capaz de desarticular a esquerda e ao mesmo tempo reatualizar o aparelho do Estado.

Preso, o então deputado Gramsci continua suas análises em seus Cadernos do Cárcere, buscando entender o fenômeno fascismo, utilizando conceitos como a crise de hegemonia, crise orgânica, cesarismo, guerra de movimento/guerra de posição e revolução passiva.

A partir dos cárceres, Gramsci desenvolverá o temário sobre o fascismo tendo como referência os textos franceses de Karl Marx, em especial os Dezoito Brumários. Como é sabido, neste texto é desenvolvido a abordagem de que uma revolução proletária pode ser sucedida por uma reação burguesa. Gramsci, tendo como núcleo, o Risorgimento, desenvolveu o conceito de Revolução Passiva, nesta é assinalada que três momentos distintos mas interligados: 1) a fundação da Itália estabeleceu uma relação de dominação do norte industrial com o sul agrário, aqui desenvolve-se dentro do país um pacto entre os setores de direita e esquerda (la destra storica - Partido Moderado- e la sinistra storica -Partido da Ação-) para manter a estabilidade do país, esta estabilidade segue até o fim da Grande Guerra; (MELO, p. 06). 2) A Revolução Passiva é entendida como uma saída capitalista para uma crise capitalista, que vai se manifestar após o conflito mundial. A crise do liberalismo e de suas instituições italianas expressou-se na crise de hegemonia nos inícios do anos 1920, e teve duas possibilidades a) Biênio Vermelho (1919/20), com uma proposta proletária, Gramsci e o L'Ordine Nuovo, propõem a transformação os conselhos operários numa dualidade de poder, o que foi derrotada pela habilidade política dos liberais b) e a saída para crise de hegemonia, pela burguesia, Gramsci assinala :

Em um certo ponto de sua vida histórica, os grupos sociais se separam de seus partidos tradicionais, isto é, os partidos tradicionais naquela dada forma organizativa, com aqueles determinados homens que os constituem, representam e dirigem, não são mais reconhecidos como sua expressão por sua classe ou fração de classe. Quando se verificam essas crises, a situação imediata torna-se delicada e perigosa, pois abre-se o campo às soluções de força, à atividade de potências ocultas representada pelos homens providenciais e carismáticos. (GRAMSCI, 2002, p.60).

3) como consequência para a crise do capitalismo temos a resposta fascista se apresenta como uma saída econômica, através da introdução “americanismo e fordismo” e também pela sua

organização através do Cesarismo, que de modo bonapartista coordenará o Estado e as ações econômicas respondendo aos interesses dos grandes grupos e classes dominantes.

Ter se ia uma revolução passiva no fato de que, por intermédio da intervenção legislativa do Estado e através da organização corporativa, teriam sido introduzidas na estrutura econômica do país modificações mais ou menos profundas para acentuar o elemento “plano de produção”, isto é, teria sido acentuada a socialização e cooperação da produção, sem com isso tocar (ou limitando se apenas a regular e controlar) a apropriação individual e grupal do lucro. No quadro concreto das relações sociais italianas, esta pode ter sido a única solução para desenvolver as forças produtivas da indústria sob a direção das classes dirigentes tradicionais, em concorrência com as mais avançadas formações industriais de países que monopolizam as matérias primas e acumularam gigantescos capitais (GRAMSCI, 2002, p 299).

Em Gramsci, o fascismo é produto de uma crise geral do Capitalismo, que tem particularidades nacionais, mas que em totalidade é uma resposta do Capital em sua fase imperialista a alternativa real: a Revolução Russa, que cumpre o papel de Guerra de Posição frente ao Capitalismo. O Fascismo, seria uma Guerra de Movimento, contendo de um lado, a Revolução e de outro lado, reatualizando o Capitalismo.

JOSE CARLOS MARIATEGUI E O FASCISMO

Em 1919, José Carlos Mariategui, juntamente com Carlos Falcon, fundam o jornal *Lá Razón*, e passa a divulgar matérias socialistas de apoio à Greve Geral dos trabalhadores pela redução de jornada. Esse engajamento político lhe rende o reconhecimento da classe operária, que agradeceu o periódico de apoio à greve pela conquista da jornada de trabalho de oito horas diárias. Mas, também, ganha a hostilidade dos poderosos e do Governo Augusto Leguía, que dá a Mariátegui e a Falcón duas alternativas: ou vão para uma embaixada como adidos culturais ou vão para a cadeia.

Dessa maneira, os jovens poetas partem para a Europa. Falcón vai para a Espanha, onde se tornou deputado comunista e em seguida membro do exército republicano. Mariátegui segue para a Itália, onde permanece de 1919 a 1923, momento de ascenso do fascismo.

É este o momento em que o jovem ativista socialista peruano, José Carlos Mariátegui, recém desembarcado na Europa para seu “exílio dourado”, tem contato com a agitada vida italiana e europeia. Na Europa, mais precisamente na Itália, desenvolve seu marxismo, travando contato com a efervescência político-intelectual que agitava a velha bota.

Após as greves de 1919 e 1920, os socialistas perderam a capacidade de manter a ofensiva nas lutas econômicas. As divergências entre os líderes e as suas ideias colocaram em paralisia os movimentos operários. A crise liberal foi ainda mais profunda quando observa o cenário de decomposição dos governos. Os governos vão se alternando e caindo como castelos de cartas, tendo como aporte a inabilidade frente à política internacional, como demonstram a questão do Estado Independente de Fiume ou as negociações do botim do pós-guerra; também a ação econômica dos sindicatos e dos camponeses que pressionam por mudanças econômicas e, ao mesmo tempo, a organização de falanges paramilitares ligadas as classes médias, que agem violentamente contra os operários, camponeses e suas organizações.

O esforço de Mariátegui centra-se em entender o movimento fascista, especialmente por ter atraído a maioria dos intelectuais. No primeiro momento, sua análise objetiva mais em D'Annunzio do que em Benito Mussolini. JCM tem admiração pelo poeta e julga que ação e a constituinte escrita em Fiume foi uma obra inovadora, esta é ainda uma visão romantizada, mostra que no primeiro momento este ainda não tinha a dimensão do fascismo e ainda não conseguia observar de que forma o corporativismo poderia ser usado para subjugar as classes trabalhadoras.

Conforme o fenômeno foi ganhando dimensão nacional e avançando para conquistar o poder, Mariátegui vai mudando seu ponto de vista. Já em 1921 apresenta uma compreensão mais asseverada sobre o fascismo, o qualifica como “*uma milícia civil antirrevolucionária. (...), significa uma ofensiva das classes burguesas contra a ascensão das classes proletárias*” (MARIÁTEGUI, 2010, p. 148)

Mariátegui busca entender o fascismo nas palavras dos líderes, observa uma ausência de programa, compreende a reação fascista como “*movimento romântico, anti-histórico e voluntarista*”. As ideias dos líderes fascistas são um conjunto de opiniões que se compõem como algo místico, que tentam formular um ente coletivo acima das classes, dos grupos ou indivíduos: a nação. O interesse nacional estaria acima de tudo; (MARIÁTEGUI idem180), o Fascismo é um “*exército contrarrevolucionário mobilizado contra a revolução proletária, num momento de febre e de belicosidade pelos diversos grupos e classes conservadores. O fascismo é, por conseguinte, um instrumento de guerra*”. (MARIÁTEGUI idem 179), Mariátegui observa, que “*a burguesia armou o fascismo*” (...) “*Assustada pelas chances da revolução, a burguesia armou, abasteceu e estimulou solícitamente o fascismo e o empurrou à perseguição truculenta do socialismo*” (MARIÁTEGUI, 2010g, p.217 e 289).

Os fascistas julgavam que a política externa seria a extensão das vocações nacionais aos moldes dos impérios (romano), não sendo à toa que tomam emprestadas as saudações romanas utilizadas por D'Annunzio, em Fiume. Por isso a reação contra a política externa derrotista formulada pelos governos liberais visava resgatar o orgulho italiano maculado e do soldado italiano,

que combateu na Grande Guerra que então sentia-se humilhado e esquecido numa sociedade com graves crises econômica e política.

A violência do fascismo seria uma resposta à violência totalitária dos socialistas bolcheviques. Dessa maneira, enquanto os socialistas agem em nome de uma classe e de seus interesses, os fascistas agem em nome de toda a nação. Combatiam a todos que se colocavam ao lado da especulação, da agiotagem, do lucro sem trabalho e/ou do interesse particular de uma única classe. O confuso discurso fascista ganha nas ações teatrais e hábeis de Benito Mussolini e nas forças de seus artigos publicados no *Il popullu d'Italia*, um sentimento capaz de mobilizar setores descontentes com o liberalismo e com a ação socialista do proletariado e dos camponeses. O Fascismo se propunha a ser mais que um “*fenômeno político, é um fenômeno espiritual*” que afirmaria a vitória dos combatentes na I Guerra, que desprezaria aqueles (como os socialistas), que foram pacifistas ou contra a guerra. Daí arregimenta estudantes, oficiais, intelectuais, nobres, empregados, camponeses e proletários (MARIÁTEGUI, 2010g, p. 933).

Os métodos fascistas serão frisados por Mariátegui como a intimidação e a violência, através da tortura contra os opositores de esquerda, como o deputado socialista Giacomo Matteotti, morto pelas falanges; ou contra os liberais, como Piero Gobetti e Benedetto Croce. Igualmente, não acreditavam na fé de Giovanni Giolitti, na tradição transformista da política italiana de que Benito Mussolini e os fascistas se adaptariam ao ambiente parlamentar liberal. (MARIÁTEGUI, 2010g, p. 149).

José Carlos Mariátegui deixa claro que o espírito da reação não era afirmação do novo, de uma revolução, mas a defesa incrustada da ordem burguesa e do capitalismo. O espírito do capitalismo e de seus valores era o verdadeiro componente policrômico da religião fascista, como faz lembrar ao narrar o financiamento das classes burguesas ao movimento e à ditadura. Acreditava que a indefinição dos socialistas – em ora crer no parlamento, ora boicotar o parlamento, como contraponto a Mussolini – fortaleceria a ditadura. Percebia que este era um movimento internacional do capital, não era apenas uma exceção, mas a afirmação de uma reação à Revolução russa e à ameaça da revolução socialista na Itália e no mundo. Dessa forma (MARIÁTEGUI, 2010c, p. 197).

Mariátegui via a necessidade de unidade das forças socialistas (USI, PSI e PCI), - e tal qual a Engels em suas cartas a Turatti -, a formação de um bloco com as forças liberais e democráticas frente à ditadura. Percebe-se que a ação violenta e a censura à imprensa bloquearam a comunicação das forças democráticas junto à sociedade. Dessa forma, a oposição parlamentar e as forças

sindicais e sociais foram postas à margem e na ilegalidade, de modo simples, com pouca resistência e sem uma verdadeira oposição triunfou a ditadura fascista (MARIÁTEGUI, 2010c, p 275).

UMA RAPIDA CONCLUSÃO

1) A crise de longa duração do Capitalismo que começa nos anos de 1970, e expressão da fase B de Kronratieff; é a maior crise que temos do Capitalismo, o fato é que as respostas apresentadas não apontam saídas. As políticas e a democracia neoliberais foram capazes de derreter o Capitalismo de Estado (URSS), e de criar uma relação de intensa espoliação entre as nações imperialistas e as nações coloniais, semicoloniais e dependentes. Na América Latina, setores da burguesia prejudicados pela Nova Ordem, optaram a partir dos anos 1990, por desenvolverem políticas neodesenvolvimentistas que apresentaram elementos de possibilismos com crescimento econômico, desenvolvimento social e incorporação de parte de grupos sociais historicamente marginalizados, reduzindo assim fossas abissais de distribuição de renda e direitos. Este processo se deu pela crise de hegemonia das classes dominantes e de seus principais partidos políticos nos principais países latino-americanos: Argentina, Chile, Uruguai, Brasil, México, Bolívia;

2) A ausência de crescimento e a queda da margem de lucros nos países centrais têm apontado para duas possibilidades de soluções políticas: a) o aprofundamento do neoliberalismo nos países periféricos, ampliando a espoliação do trabalho e das riquezas naturais, aumentando margem de ganho e; b) o planejamento estatal nos países imperialistas. Esta solução não se apresenta como consensual e o conflito comercial entre a China e o EUA, mostra o grau de tensão que determina essa Segunda Guerra Fria. O fato é que a manutenção das políticas neoliberais nos países dependentes e semicoloniais só pode ocorrer com o consenso e a força das classes dominantes associadas ao imperialismo e de seu Estado. Isso só pode acontecer com os setores de cima sendo beneficiados no processo exploratório. Isso não tem sido uma realidade o que tem levado as políticas imperiais apontarem a desestabilização e o cesarismo como uma saída política para forçar o consenso. Ou seja, o crescimento do fascismo nos dias presentes é antes de tudo uma das hipóteses centrais a crise de hegemonia das classes dominantes, porém, é uma saída apenas política, não social e nem econômica.

3) Por fim, o conflito aberto entre as principais frações das classes dominantes e predatórias sobre os países coloniais, semicoloniais e dependentes abre igualmente um período de revoltas e mesmo revoluções por parte do proletariado e classes oprimidas. É um período em que “(...) a crise

consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece” (GRAMSCI, 2002, p.184).

REFERÊNCIAS

BORDIGA, Amadeo e GRAMSCI, Antônio. **Conselhos de Fábrica**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

CALLIL, Gilberto, **A experiência italiana e o desenvolvimento do marxismo de José Carlos Mariátegui** (1920-1922). Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina ISSN: 2177-9503 Imperialismo, nacionalismo e militarismo no Século XXI 14 a 17 de setembro de 2010, Londrina, UEL

CASTELO, Rodrigo, **O Debate sobre as Crises Capitalistas nos Cadernos do Cárcere de Antonio Gramsci**, in ://www.niepmarx.blog.br (Consultado em 27/04/2022).

ENGELS F, **Cartas de Engels a Turatte** in <https://www.marxists.org/italiano/marx-engels/1895/socialismoitalia.htm> Consultado em 30/09/2019)

DE FELICE, Franco. **Revolução passiva, fascismo e americanismo em Gramsci**. In. INSTITUTO GRAMSCI. Política e História em Gramsci . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, Antônio, **Carta a Trotsky** in <https://www.marxists.org/portugues/gramsci/ano/mes/futurismo.htm>, consultado em 20/09/2019).

_____ **SOCIALISTAS e FASCISTAS**, 1921
<https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1921/06/11.htm> Consultado em 18/09/2019)

_____ **Cadernos do Cárcere**, vol. 3.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.2002

_____ **Cadernos do Cárcere**, vol.6 . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.2002

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**, Editora Graal, Rio de Janeiro, 1977

MACHADO, Marília Gabriella. **O Fascismo através do prisma gramsciano**. In: Revive - Revista de Ciências do Estado, v1, n.2, Belo Horizonte, 2016

MARIÁTEGUI, José Carlos. **As origens do fascismo**. São Paulo: Alameda, 2010

_____ **Obras Completas**, Tomo I, Lima . Editora Minerva, 1994

MELLO, Demian Bezerra de. **As reflexões de Gramsci sobre o fascismo e o estudo da direita contemporânea**: in **Erro! A referência de hiperlink não é válida**. in 02/05/2022)

PARIS, Robert. **As origens do fascismo**. São Paulo : Editora Perspectiva, 1976

PAXTON, Robert O. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007

PERICÁS, Luis Bernardo. Prefácio. In: **MARIÁTEGUI**, José Carlos. *As origens do fascismo*. São Paulo: Alameda, 2010.

SECCO, Lincoln **Gramsci e a Revolução**. São Paulo, Ed Alameda, 2002

TOGLIATTI Palmiro, **Lições sobre o Fascismo**, São Paulo, Ed Ciências Humanas, 1977.